

Camdessus prevê fim da moratória em curto prazo

por Celso Pinto
de Washington

O diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Michel Camdessus, elogiou ontem a atitude cooperativa do governo brasileiro e previu que a situação atual de moratória não deverá durar muito tempo.

"Um dos governos que mais apoiou a estratégia cooperativa (durante a reunião anual do FMI) foi o Brasil, o que muito me satisfaz, embora não me tenha surpreendido em nada", declarou Camdessus numa entrevista à imprensa. Ele disse estar convencido que "uma situação como a de hoje", referindo-se indiretamente à moratória, "não é a que prefere o Brasil". Ela seria "transitória".

Camdessus enfatizou que "todos os grandes países e, em particular, o Brasil" devem saber o que lhes convém, ou seja, a necessidade de uma política econômica consistente, que possa atrair capitais internacionais.

Falando logo após o final de uma semana de reuniões do FMI, Banco Mundial (BIRD) e organismos ligados às instituições, Camdessus fez um balanço otimista dos resultados em relação à questão da dívida externa. Em sua opinião, um ponto muito importante foi "a clarificação da estratégia do menu", ou seja, do cardápio de opções que os devedores podem oferecer aos credores na negociação de suas dívidas.

"O restaurante agora é mais universal", comparou Camdessus, bem humorado, desde que respeitadas duas condições: que os instrumentos financeiros sejam desenvolvidos em comum acordo entre credores e devedores e que se baseiem no mercado. Neste ponto, contudo, ele foi algo contraditório.

Ao responder, logo adiante, a uma questão sobre a possibilidade de reduzir o valor das dívidas através de títulos que incorporem deságios, ele foi cauteloso. O mercado que se refere a dívidas soberanas, argumentou, "não me parece perfeito em termos de política econômica do século passado". Seria, na verdade, "um mercado de que recebemos sinais difíceis de interpretar, volátil", justificou.

O ponto central de seu argumento, de fato, é algo enfatizado em seu próprio discurso perante a assembleia anual, além dos discursos do presidente do Banco Mundial, Baker Conable, e do secretário do Tesouro, James Baker III. Há uma receptividade a novos instrumentos financeiros para negociação da

dívida, mas a ênfase maior é em torno de idéias ligadas à conversão de dívida em investimentos. Ninguém está disposto a apoiar abertamente a hipótese de se transformar dívida em papéis que incorporem desvalorizações reais da dívida e a forma de não fechar a porta inteiramente a esta opção é remeter as discussões à mesa conjunta com os bancos e às regras do mercado.

Seja qual for a fórmula, Camdessus insistiu na importância de políticas econômicas adequadas e da redução de barreiras internas, nos países devedores, para ingresso de capitais externos. Outro ponto salientado: a importância de que as políticas econômicas tenham credibilidade suficiente para atrair os capitais dos próprios investidores internos. Quando um país conseguir repatriar seus capitais, estará seguro que caminha na direção correta, segundo o diretor-gerente do FMI.

Ele reconheceu que "há algumas semanas não sabíamos se haveria confrontação, um comportamento de ruptura" em relação à questão da dívida externa. Por esta razão, considerou muito positivo o fato de a assembleia anual ter reforçado a estratégia de cooperação. Da mesma forma, ele considerou significativo os avanços de cooperação entre os países industrializados, na coordenação de suas políticas econômicas. O reforço da vigilância sobre os indicadores econômicos entre os países desenvolvidos é algo que certamente poderá atuar em benefício dos países devedores e em desenvolvimento.

As mudanças propostas por Baker nas regras do FMI serão discutidas e, possivelmente, só se terá algo mais concreto na próxima reunião do comitê interino, em abril. Até lá, Camdessus espera ter mais claro o formato da nova linha de crédito compensatória sugerida, assim como das novas regras de monitoramento. Por enquanto, a proposta é algo vaga. Baker falou em fixar metas e desembolsos semestrais, mas com um acompanhamento trimestral dos indicadores. Camdessus imagina que o desembolso poderia ser trimestral.

Nada deverá mudar pelo menos até a primavera de 1988. Até lá Camdessus tem esperança de ter conseguido, também, algum avanço concreto na triplicação dos recursos da linha de crédito de ajustamento estrutural, para os países de menor renda, algo em que ele se empenhou fortemente nesta reunião, sem muito êxito.